

## A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2017, conta com 23 247 habitantes. Sua área é de 292 km<sup>2</sup> e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

**FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958**

**Dezembro de 2024 - Nº 630**

**Diretores - Antonio Marcello da Silva (\*1931-) - Pascoal Andreta (\*1915 - + 1982) - Ugo Labegalini (\*1931 - +2012) - Ivan Mariano Silva (\*1935 - +2020) - Alessandra Mariano (1969 - )**

## SIMPLESMENTE NATAL!

### DURVAL TAVARES

Com um material pronto para enviar à redação, senti-me obrigado a mudar a programação. Mantive-me paciente após cientificado de que a próxima edição do Jornal Monte Sião se daria às vésperas do Natal. Não resisti ao desafio de escrever algumas palavras sobre esse dia. Seu Massimo e Dona Bárbara, pacientemente não de esperar. Agora devo dizer que, embora o Natal seja tema fácil para alguns ou vários, porque todos nós temos um natal só nosso, o nosso dia de aniversário, me pareceu algo bem complexo que, num ligeiro descuido, me levaria a pensar e a escrever enredo sem nexos, desconexo da realidade. Ainda que eu seja useiro e vezeiro nessa arte (ou falta dela) de assim escrever, não pude me esquecer de que o Natal merece algo muito melhor, afinal é a data de aniversário de nascimento do menino Jesus, por quem dobram os sinos, não só os de Belém. Sinos e sinos do santuário muito bem tratados pelo sempre presente Ivan Mariano (in memoriam). Sinos que soavam alto quando, no coreto, Nonno Parmiro orquestrava verdadeiros hinos. “Só”

tima hora. Não seria capaz de enfeitar uma árvore.

Diante desse quadro, diante dessa enorme dificuldade de explorar e de levar o tema aos queridos leitores, decidi me ater e a transmitir um pouco do que li e reli nessa internet nossa de cada dia.

Muitos trazem na memória bons momentos desse dia, como, por exemplo, as reuniões em família, o encontro com amigos, as festividades, Papai Noel com novidades. Outros, porém, poucos ou muitos também, como que por desencanto, justamente essas reuniões os levaram a querer apagar da memória tal data, tal época. O que deveria, e deve, ser momento de muita paz, aflora em algumas pessoas recordações de desavenças de outrora e nelas o Natal fica gravado como algo desagradável, amargo. E existem muitos casos de solidão, de abandono, de esquecimento, de afastamento, de distanciamento, para os quais, talvez, só talvez, a solução seja a reaproximação seguida do perdão, ou vice-versa. Pelo menos, cada pessoa poderia refletir a respeito.

Então, para que não fosse nada muito pessoal, com minhas opiniões, minhas recordações, procurei ler e selecionar algumas palavras

sobre o Natal que, talvez, só talvez de novo, levem cada um a sentir, a recordar e a verificar em qual situação melhor se enquadre. Classifiquei por blocos que me parecem adequados. Outros poderão ser criados a critério do leitor. Vejam:

Momento de reunião, de união: O Natal é uma época do ano passada em família e com amigos mais próximos. É a data mais especial do ano, um tempo de paz e de harmonia que nos permite esquecer todos os problemas e de nos reunir com as pessoas que mais amamos em volta de uma mesa. De parte delas a saudade de alguém que não vem, que não vem, virá à tona, com certeza, mas ao todo serão momentos de mais pura felicidade e de grande simplicidade: a família unida, o riso que toma conta da casa, a alegria nos rostos das crianças, o carinho a transbordar nos corações. Com o tempo descobrimos que fazemos parte de duas famílias, a primeira é a família genética, pais, irmãos, parentes, a segunda composta pelas pessoas com as quais criamos os laços da amizade no decorrer da vida e as guardamos no coração. Seria utopia? Em cada um a resposta.

Presentes e presentes: Quando viramos adultos (ou crianças crescidas, para

melhor dizer), a nossa lista de presentes vai diminuindo porque percebemos que o que realmente desejamos não pode ser comprado. A época natalina não é sobre presentes, é sobre presença. Aquilo que podemos oferecer de mais importante aos outros é nossa atenção, nossa amizade e nosso amor incondicional. O desejo de que no Natal possamos irradiar luz e calor para aqueles que nos rodeiam, como estrelas que brilham no céu. Seria mágico, não acha?

Renovação: Enquanto as crianças sonham com presentes debaixo de uma árvore e os adultos relembram os momentos preciosos do passado, importante lembrar que o Natal é um tempo para renovar nossos laços familiares e de amizades. É uma ótima oportunidade, por certo não única, mas a ideal, para expressarmos gratidão por aqueles que tornam nossas vidas especiais e para demonstrar amor e carinho, pois são essas conexões que tornam a vida verdadeiramente rica. Se concordar com esse pensamento, nesse momento, nesse Natal, pratique.

Transformação: É tempo de união, paz e reflexão, tempo de acreditar e de transformar o mundo num lugar onde todos os nossos sonhos se tornem realidade.

Jesus Cristo, em seu infinito amor e sabedoria, nos proporciona nova chance de evoluirmos espiritualmente a cada dia. O Natal é mais que uma comemoração, é uma nova chance que temos de nos reinventarmos e de sermos pessoas melhores. Aqui exploro um pouco o memorável John Lennon que, em Imagine, nos brindou: “... *Imagine all the people/Living life in peace* (Imagine todas as pessoas/Vivendo a vida em paz)...”.

É Natal! Como seria bom se nele sempre o bom filho à casa retor-

nasse e a esperança revivesse. Se a ignorância, mãe de todas as mentiras, pudesse ser curada, especialmente com a força da união de todos. Se a bonança surgisse depois de tão grande tormenta e se, além de arbustos, justos florescessem. Natal é tempo de Noel, tempo de dar amor a quem o quer e não o tem.

*Si, tutto è possibile a Natale.. Buon Natale a tutti. Felice Anno Nuovo. Ciao.*



## CRÔNICAS DA MINHA GENTE

### DONA SINHAZINHA E SEUS CONVIDADOS (II)

#### IVAN

Passados os quinze dias depois do último sarau, dona Sinhazinha enviou os convites, em suas letras redondas e protegidas por iluminuras, aos músicos que escolhera para a noite musical. Nem bem a lagarta do dia transformara-se em borboleta noturna, dona Adalgisa assomou à porta, aberta de antemão – gentileza e cuidado de antigamente para não macular sentimentos – sorriu apenas com um riso nos lábios aos presentes, adentrando à sala de espera onde estavam duas filhas de dona Sinhazinha e o dentista João Mariano. Levantaram-se todos para recebê-la, ela deslizando sobre as tábuas areadas, como uma sombra delicada, projetada pelo luar na silhueta de um anjo. Dona Adalgisa chegara há pouco de Ouro Fino para ensinar nossas crianças do grupo escolar, professora que era – a mais compassiva, santificada e nobre carreira que se pode almejar: o magistério e sua bênção de educar. Tinha ela a aura da distinção, os gestos dos sábios, as palavras dos lamas, a doçura de Terezas de Calcutá, a ponderação da integridade e a simpatia da solidariedade; e ali estava para o piano, mas

bem que poderia ser para o violino, dado o fino trato de dama e linhagem francesa. Dona Adalgisa era Chantal.

Já João Mariano era seu avesso, ar de fanfarrão, espalhafatoso, extrovertido, cheio de si, abelhudo: recebeu-a com indiscreto e inconveniente tapinha no ombro, que a fez olhar discretamente para o local maculado, sutil recriminação à atitude indesejada. O violonista, sem mais aquela, recomendou à assustada professorinha o Rugol que usava para prevenir as rugas do pescoço, o Tônico Iracema (com o aberto) para evitar a queda dos cabelos e, tático: “O friso da calça de um homem elegante sempre deve cair no centro do sapato”. Não satisfeito, exibiu à modesta recém-chegada o “melhor violão do mundo, propriedade do mais renomado violonista de que se tem notícia: ele mesmo”.

Darinha e Alzirinha, as filhas de dona Sinhazinha, sentadas e com as mãos no regaço, olhavam para o nada, sem enxerir, sem ouvir, sem opinar, conduta mais que conveniente ao momento e que condizia à nobreza da família e seus brasões. Ambas tinham sobre a mesinha de centro os respectivos

bandolins de ventre bojuado, os braços finos, mas rijos, as cordas prontas para os arpejos. Não afirmo que ambas eram como querubins tangendo bandolins, porque acho a rima assaz pobre. Mas, se sobre a mesa estivessem violões, banjos, cavaquinhos e violas, Darinha e Alzirinha tangê-los-ia com igual virtuosismo.

O carrilhão na parede, mostrando as rodas dentadas através do vidro transparente e filigranado, prenunciou as horas com algumas notas cavas e redondas: era o momento de se iniciar o sarau. Os dedos de dona Adalgisa percorreram com extrema leveza as teclas de marfim, sem os preconceitos próprios da dama que era, isto é, percutia pretas e brancas com igual cuidado, apenas com a força da inspiração. Os bordões do violão encheram de sons o rés do assoalho da sala, que lentamente levitaram até o teto, obtendo de dona Sinhazinha gesto de aprovação e de dona Adalgisa ténue sorriso de concordância e, quem sabe, perdão pelo tapinha indiscreto. Gumerindo olhou as horas antes da hora, prova de que estava maravilhado, mas sem querer demonstrar fraquezas que sua dignidade

tinha que rejeitar. Os bandolins adentraram a melodia entre arpejos e dores, arfavam, gemiam. O ar da sala trescalava e recendia a jardins floridos: eram as notas que, percorrido o ambiente, prostravam-se exaustas, estendiam-se nas alvas tábuas, impregnando-as de olores inusitados. Os lampiões, do alto de suas luminárias, olhavam embevecidos para os músicos. Solidários com as canções, arrefeciam sua luminosidade, apenas bruxuleavam, mal produzindo as sombras do seu dever, sombras exauridas, que cambaleavam pelo salão, à procura do ritmo da valsa dolente.

Quando dona Adalgisa deu por finalizada a melodia, percutindo uma tecla com o indicador, aparece a doce Dulce com a bandeja de delícias, acepipes edulcorando tudo: papo-de-anjo, rabo de gato, amor em pedaços, bolinho de chuva, sequilhos, olho de sogra, palitos esborrachados e porosos, com a cara adolescente salpicada de espinhas de açúcar cristal, queijo mineiro e goiabada amancebados e unidos pelo antagonismo dos sabores, bolachão esculpido em lata de sardinha, cajuzinhos com metade de amendoim enfiado na barriga, uma farrinha de doces, estripulia de assados, algazarra de açúcares, mais os bules esmaltados e de porcelana contendo chá de erva-doce, de erva-cidreira, de maçã, de cravo, mais o café adoçado com rapadura, fervendo. Para mais acaucarar o paladar, suaves suspiros. Para o sal, nada além

da parcimônia. Apreciando os comensais, doce Dulce portava seu vestido rodado e sustido por sem número de anáguas, cada uma carregando cem mágoas, porém solvidas na foz da vida, onde a dor deságua. Ambiente opíparo, vê-se.

O mesmo carrilhão, encimado por cavalo fogoso, empinando, advertiu que soaria às 21 horas. Gumerindo retirou do bolsinho do colete seu Roskopf Patent de prata, abriu o tampo, conferiu as badaladas, olhou para os convidados. Momento de terminar o sarau, embora as notas ainda vagassem vibrando e dispersando perfumes. Dona Sinhazinha e as filhas Darinha e Alzirinha acompanharam a delicada

professorinha à casa de Alice Cancherini Comparim, onde estava hospedada. João Mariano demorou um pouco mais, confabulando com Gumerindo o talento da pianista. Ao sair, a plateia da calçada pediu a ele mais uma. Pronto. Sua vaidade espicaçada estava restabelecida. Sentou-se no “palco da sarjeta” (expressão criada pelo Armandinho Zucato) e tocou até o último freguês.

*Crônicas da Minha Gente – seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020.*

## NATAIS

fecho os olhos  
viajo no tempo...

a casa  
a mãe  
o assado  
as roscas  
o pão de ló

o pai  
no silêncio  
do relógio...

acordo...

como foram rápidos  
meus natais!

kuaia



# MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS - NO. 74

## ISMAEL RIELI

Na página 164 do livro "Trinta e tantos" de Antônio Prata topamos três versos interessantes: "Dê-lhe esmola, mulher,

Que não há nesta vida nada

Como a pena de ser cego em granada".

O mesmo poderíamos dizer da praça de Monte Sião e de Águas de Lindóia. Antônio Prata, cronista hebdomadário da Folha, é filho do escritor Mario Prata e marido da jornalista Julia Dualibi da Globo News. Maneja a pena com destreza e competência.

X X X

Ainda não lí e, provavelmente, não lerei a Bíblia; Grande Sertão Veredas de Guimarães Rosa (falha grave), A Montanha Mágica de Thomas Mann; Guerra e Paz e Ana Karenina de Leon Tolstói; Os Irmãos karamazovi e Crime e Castigo de Dostoiévsky; Ulisses de James Joyce; O Vermelho e o Negro de Stendhal, Os Sertões de Euclides da Cunha (falha grave); Cem anos de solidão de Gabriel Garcia Marquez (falha grave); os 7 volumes de Em Busca do Tempo Perdido (La Recherche Du Temps Perdu) de Marcel Proust. Estou pelejando para terminar de ler Lavoura Arcaica de Raduan Nassar.

A vista não ajuda. Falta-me disposição para ler calhamaços; tenho me restringido a ler contos, crônicas e o saboroso Jornal de Monte Sião.

Atualizando ditos antigos.

A preço de banana = muito barato, quase de graça.

Já não é mais.

Pra quem é, bacalhau basta – houve um tempo em que bacalhau era comida de pobre. Importado de Portugal, cuja moeda – Escudo – Era muito estável e barato, vinha em caixas de madeira e em barricas, em mantas grandes que, comerciantes desonestos encharcavam de agua para ganhar alguns gramas.

Hoje, bacalhau é comida nobre para os "happy few".

Carne de vaca significava algo corriqueiro, encontrável em toda parte, comum... a carne de porco era mais cara. Hoje inverteu-se isso assim porque o Brasil de hoje tem mais bois do que gente. Quanto está custando o quilo de filé mignon e de picanha? Os Chineses estão comendo a nossa carne?

X X X

Mais um punhado de quadrinhas:

Saudade das coisas idas

Quem neste mundo não sente?

São as eternas feridas

Sangrando n'alma da gente.

Altino Bondesan

A cigarra quando canta

É prenuncio de calor; Meu peito quando suspira

É falta de teu amor! Vivaldina Queiroz Martins

Perfumadas a estrada quieta

Com as cantigas que levantas,

Carro de boi! És poeta:

Quanto mais sofres, mais cantas!

Manoel J. Silva Pinto

Os galos da minha terra

Têm a garganta de prata;

Quando eles cantam na serra

O canto estremece a mata

Olavo de Campos

Quando um cabra não tem sorte,

Pru mais que ele tenha fé,

Nhante que lhe chegue a morte

No lajedo atola o pé!

Cego Rodrigo

Se no passado ou futuro,

De um homem, tristeza houver,

Pode crer que essa tristeza

Tem por essência a mulher.

Héron Patrício

Por mais que ocultes e prendas

Eu sei que trazes, formosa,

Nos seios, por entre rendas,

Dois lindos botões de rosa...

Adauto Godim

Se te vejo me torturam

Teu desdém e meu desejo!

Se te vendo sofro tanto

Mais sofro se não te vejo.

Albano Lopes de Almeida

Ao poder tudo depende

Do modo por que se vai,

Quem sobe nem sempre ascende,

Quem desce nem sempre cai.

Alfredo de Assumpção

Quando algum sonho murchar,

Arranca toda a raiz,

Se não a flor da saudade

Brotará da cicatriz. Alma Doris

Ideias tristes da vida

Eu as esqueço e abandono;

De dia, por muita lida,

De noite, por muito sono

Bastos Tigre

Mulher de cova na face,

Ao beija-la, tem cautela!

- Vão para a cova, esquecidos,

Os beijos que deres nela.

Corrêa Junior X X X

Mais uma piada do impagável finado Ary Toledo.

Japonês no Avião

No vôo pros Estados Unidos, o Japonês chama a aeromoça e fala:

- Ô aeromoça...

Eu quer ver Miami, no? Quando avião passar voando por cima de Miami, moça chama eu, né? Japonês pode estar dormindo e não vê Miami, né?

E a aeromoça prometeu chamar o Japonês quando passasse por Miami. Só que ele foi pro banheiro. A aeromoça foi lá e bateu na porta:

- Seu Suzuki, seu Suzuki... o senhor não quer ver Miami?

E o Japonês:

- No, agora eu quer ver CHICAGO, né?

X X X

Last but not least. Por fim mas nem por isso menos importante

Mau ou mal?

É fácil. O contrário do adjetivo mau é bom; do advérbio mal é bem: fui bem na prova. Fui mal na prova.

É um bom aluno, é um mau aluno.

Mal é advérbio, mas também é substantivo = doença: Mal de Alzheimer, Mal de Parkinson, Mal de Semioto, Marsi-



## NATAL: FORA E DENTRO

### DANILO ZUCATO ROBERT

(Fora)

Em meu texto anterior abordei de forma crítica a transformação da comunidade em sociedade, me baseando em Tönnies, usando como exemplo o tema do Natal. Neste breve artigo, portanto, procuro alterar o tom ao fazer uma apologia ao que deve ser, não mais uma crítica ao que não deve.

Apesar de toda mudança dos séculos XX e agora XXI na sociedade, este último, inseparável da inteligência artificial e do 'turbocapitalismo' de Domenico de Masi, ainda proporciona espaço e tempo para resistir à secularização e materialização das épocas transcendentais e comemorativas de nosso ano, como o próprio Natal.

O Natal, apesar de todo sentido mercadológico imposto nas mídias televisivas e sociais, ainda mantém seu símbolo como celebração cíclica de conexão entre passado, presente e futuro, unindo tradições, memórias e projeções de esperança. No Natal unimos, pela memória e narração, o que já foi e os que já foram; celebramos o presente como uma dádiva ao redor dos que estão e são; e projetamos esperança de continuidade, segurança e solidez do que ainda será e dos que ainda serão.

Acredito firmemente que o Natal é importante na preservação da cultura e sociedade como um todo, nos dando bases sólidas e de sentido de vida, uma vez que através da manutenção e continuidade dos rituais (o jantar, a troca de presentes, os abraços, as narrativas familiares, as músicas, os enfeites, as orações, a Missa) não ficamos à mercê de significados novos, líquidos e amorfos, 'oni-subjetivos'. Digo 'oni-subjetivos' no sentido de que a tradição objetiva daria lugar a uma miscelânea individual de sentidos

e formas comemorativas que tenderiam a perder qualquer significado transcendente, pois não haveria coletividade, se houvesse o 'subjetivo total'. Neste, cada qual vê a celebração à sua maneira individual, única e não compartilhada.

Com isso, a época natalina, por si mesma, pela aura de renovação e esperança coletiva que exala, nos coage a sermos mais generosos, através de boas ações, doações, reconciliação, perdão, comemoração e olhar para os mais necessitados. Como diria Madre Teresa de Calcutá: olhar sim para os pobres na sociedade, mas para além deles, olhar para os 'pobres' dentro de nossa própria casa, que também precisam de doação, não material, mas espiritual ou de amor.

Com isso, chegamos em um dos principais pontos do Natal: a alteridade ou o reconhecimento do outro, conforme argumentava Martin Buber, em sua relação Eu-Tu, no qual o Tu, o outro, é reconhecido em sua plenitude, e não visto como mero objeto ou meio para outros fins.

Como vemos o outro, ou seja, como a alteridade pode ser presente, depende da nossa abertura para o divino ou transcendente, e isso transforma não só como vemos o outro, mas o mundo ao redor. Tudo tem tratamento diferente quando visto pelos olhos da Ética da Alteridade.

(Dentro)

Para mim, o Natal não é vermelho, por causa do Papai Noel ou da Coca-Cola, nem branco, por causa da neve nova-iorquina. O Natal tem tons de amarelo por conta da luz da 'sala de visitas' daqui de casa. O Natal tem cheiro de enfeites guardados e comida assada, e não de moedas, cédulas ou produtos novos. O Natal tem som de gente falando, mas cada voz ouvida é reconhecida, familiar, basilar, segura, e não estranha, comercial, persuasiva ou promocional.

O Natal olha nos olhos de Nietzsche e diz SIM para o 'eterno retorno'. Pois sem o eterno retorno do mesmo, anual e coletivamente, os significados começam a se esfumalar, num efeito dominó no qual trocamos a vida pela sobrevivência, ou pelo sobreviver. O so-

breviver, neste natal moderno, seria a materialização do desespero do Sísifo de Camus perante sua existência de condenação: levar a pedra até o cume da montanha simplesmente para vê-la rolar até sua base, para então começar o trabalho novamente. Vazio e sentido viram sinônimos.

Se o Natal não fosse época de desacelerar, entediado, lembrar, comemorar e ter esperança, poderia ser qualquer outro dia do ano, com qualquer outro nome.

*Um Feliz Natal a todos os colaboradores e leitores do jornal de Monte Sião. Por Natais amarelos, familiares e cheios de sentido para todos nós!*

## ATEMPORAL

### ARIOVALDO GUIRELI

*No Natal de 1997, numa portátil Trippa, escrevi esse texto que desde o ano citado e o mês de dezembro ficou inédito. Não mudarei nada, apenas você meu leitor, coloque-se em 2024.*

Incerto ontem que a noite não estava fez reflexo ao luar entristecido de risos naufragos.

O tempo-deus ouve, sente e umedece o ano passado.

E foi a estrela (menino ou menina) caindo no dedo do avô. Feriu?

As rosas brotaram!

O sangue escorreu nas fomes encardidas dos salários.

Obedecemos aos cânticos e Noel transvoará no trenó atado em burros, farinha, suor, cervejas, milho, catapora, câncer, aborto, terço, luzes piscando nas casas como se a vida estivesse nas bolsas de valores.

Lembra? Ou o velocípede que lhe quebrou o pé esquerdo ainda está guardado?

Nada de novo.

Somente o riso do abraço. Beije sua estrada. Apanhe o ódio e pregue-o na entrada da casa. Limpe a alma. Respeite o sonho do Senhor e a vontade de ser Natal em 1997.



**MECÂNICA NETOS**  
nacionais e importados nacionais e importados

Fone: (35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136 - Centro (Praínha)

Monte Sião - MG CEP 37580-000

Ernesto A. G. Bacellar Eng<sup>o</sup> Mecânico Automotivístico

**DELTA FOTO**

Material Escolar e para Escritório  
Suplementos para Informática  
Cartuchos compatíveis e remanufaturados  
Fotos 3 X 4 na hora

A MELHOR E MAIS BARATA  
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

**35 3465-3124**

Av. das Fontes, 136-C - Monte Sião

Programe sua festa - nós temos o local!

**RESTAURANTE DA LICINHA**

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.Siã - O.Fino - (35)3465 1355 - 9 9114 9447

## FIM DE FESTA?

**BRUNO LABEGALINI ZUCATO**

Quando a gente era criança, esperava ansioso pelo fim do ano. Época de folgas, a quentura do clima e do aconchego da família e suas comilanças. Vó Maria era a matriarca desses sabores, e repletava a mesa com tradições e invenções. Tinha missão de satisfazer a gula de uma família inteira, tão grande ela era, com todos os filhos e cônjuges e netos e agregados. Habitantes daqui e também os que vinham de fora para as celebrações.

E sempre muita comida houve, valor que sempre cultuamos, de nos conectar pelo ato de nos alimentar, sem misérias, por herança que possa haver do algum sangue italiano em corações muito caipiras, com orgulho. Diversas delícias deitavam naquelas longas mesas, construindo o repertório de gostos e saudades, em todos que no entorno dela se sentavam.

Posso contar, por exemplo, da tradição do pãozinho de maçã, que povoava cafés da tarde dos dias ordinários entrefestas. Com aquela sua massa brilhosa de banha de porco e recheada com maçã e pas-

sas, ostentando ainda aquela delicada crosta de açúcar por cima, que adoçava pupilas e papilas. Lembro salivante também da rosca estrela, os rolinhos que a Vó recheava com uma pasta de manteiga e coco, e que depois de assados eram umedecidos com uma mistura de leite quente, açúcar e canela.

Nos dias de festas, especificamente, almoços e ceias, o banquete era especial. Outros parentes cozinheiros contribuíam com diversos pratos. Tio Tadeu com sua leitoa pururuca, minha mãe e outras tias com diversos outros preparos - tortas, farofa, tutu de feijão, outros assados. Tia Elsa com arroz de passas e salada de folhas com frutas, tão controversos e provocativos que nem só ela mesmo - que saudade!

Do repertório festivo da Vó, lembro com mais clareza dos pratos com galinha, tanto a ave assada com cheio de miúdos como em sopa com macarrão, que minha mãe sempre fez questão que a gente tomasse, como tradição. Por vezes a Vó mesma fazia a massa do macarrão - ou será que nisso já é o tempo plantando em mim desejantes memórias?

O que lembro certo, porém, até por ser fato recontado e anedótico pela gente ali, e que é o que eu queria mesmo aqui contar, é da Vó guardar qualquer restinho de carne de todas aquelas refeições. Do peru, da galinha, da leitoa - se sobrasse. E não só das ceias, mas de todas as ocasiões em que nos juntávamos para comer por aqueles dias - um churrasco, o frango assado que acompanhasse a macarronada, a carne moída de um almoço corriqueiro. Ia guardando todo aquele retalho cárneo no freezer, para transformá-lo depois numa nova alquimia culinária.

Passadas as festanças, a Vó descongelava as carnes, e as passava em seu velho moedor. Juntava ovos e pão adormecido, amassava tudo numa mistura revigorada com temperos e muito cheiro verde. Depois envolvia em ovos e farinha de rosca, para fritar pra gente depois. Podia ser como tira gosto para a cerveja dos adultos, ou mesmo a mistura de algum dos almoços do janeiro precoce. A gente adorava os croquetes da Vó, nem tanto pelo paladar em si, eu acho, como pelo sabor do caso do qual ela adorava ser a

protagonista.

Como ela, também aprendi a valorizar o alimento de tal forma a não tolerar desperdício de comida. Minha mãe também sempre foi assim. Talvez, na verdade, minha mãe tenha aprendido com ela e eu com ambas. De sorte que busco, como as duas sempre fizeram, reaproveitar elementos em respeito ao valor que há no alimento, em si e em sua arte de nos nutrir. Sinto nisso o prazer que sei que elas também sempre sentiram. Diferente de mim, no entanto, elas tiveram que lidar por muito tempo com a escassez, e desenvolver a capacidade de transformar o pouco em muito, e o comum em extraordinário. O que veio em mim transbordar em hábito, como valor geracional.

Pois que foi nessa contradição e completude de luxúria e avareza culinárias em que me formei, e em que minha cultura alimentar se constituiu. Dos finais de ano, saudoso sou de tantas delícias, dos pratos e pessoas com quem os compartilhei. Mas é no croquete da Vó, na força da transformação e dos recomeços que ele representa, que reside dali meus maiores aprendizados. A bença, Vó.

## É NATAL!

A estrela da guia com sua forte luz  
Guia os três reis magos para conhecer Jesus  
Que nasceu em Belém de Judá numa estrebaria  
Gaspar Melchior e Baltazar  
Levaram ouro mirra incenso para presentear  
O redentor do mundo que naquela noite nascia

E passando pelo palácio do rei da Judéia  
Herodes quis saber quem era o novo rei da Galileia  
E pediu aos magos que voltassem a lhe informar  
Onde aquela criança tinha nascido  
Mas os magos foram muito precavidos  
E por outros caminhos vieram a retornar

E o rei Herodes sabendo que fora enganado  
Põe em prática um plano endiabrado  
Mandando matar todos os filhos varões  
Abaixo de dois anos como um verdadeiro assassino  
Como com seu vil ato matar também aquele menino  
Que seria o Salvador do mundo com suas pregações

E Maria e José sabendo do ato do rei de insanidade  
Fogem com o Menino Jesus distante daquela cidade  
Como a encontrar proteção para eles e o recém nascido  
E os anos foram passando e Jesus se tornou o Nazareno  
E suas pregações começaram desde pequeno  
Quando com os doutores da lei ele ficou muito conhecido

O filho de Deus Jesus de Nazaré  
Filho de Maria e de José  
Andou peregrinando por aquelas terras  
Curou leprosos cegos paralíticos de nascença  
E sem jamais pregar a maledicência  
E sem ao menos provocar qualquer guerra

E hoje é o Santo Natal do Menino Jesus  
Que redimiu o mundo com sua morte no madeiro da cruz  
Para salvar a pobre humanidade pecadora  
E que a comemoração do Natal seja plena de alegria  
Com as famílias em oração reunidas nesse dia  
Para lembrar de quem nasceu com a missão redentora

Arlindo Bellini



## “MUITO ALÉM DO TRABALHO” – O PRESENTE NATALINO

**LEONARDO LABEGALINI**

Naquela tarde quente de dezembro, Téo entrou na cafeteria habitual e foi recebido por uma visão encantadora. A pequena cafeteria havia se transformado em um cenário natalino: luzes piscavam pelas janelas, guirlandas enfeitavam as paredes e uma árvore de Natal brilhava no canto, repleta de enfeites e laços

dourados. O aroma de café misturava-se com o cheiro doce de canela e biscoitos recém-saídos do forno, criando um ambiente aconchegante.

Sentado à mesa perto da janela, o Líder Inspirador o aguardava com seu sorriso tranquilo. Ao ver Téo, ele levantou a xícara, saudando-o.

— Feliz Natal antecipado, Téo! — cumprimentou.



“TODOS SE CURVEM AO GRINCH”  
FLAVIA

— Feliz Natal! — respondeu Téo — Este lugar ficou incrível com toda a decoração. Parece que o espírito do Natal está em todos os cantos.

O Líder Inspirador sorriu e comentou:

— O Natal tem esse poder de transformar. E, falando em transformações, como você está se sentindo depois de tudo que conversamos este ano?

Téo fez uma pausa, olhando pela janela para o movimento tranquilo da rua. Inspirou fundo antes de responder:

— Quero começar agradecendo. Sinto que sou uma pessoa completamente diferente daquela que entrou aqui pela primeira vez meses atrás, cheio de dúvidas. Tudo o que você me ensinou mudou minha forma de enxergar a liderança, a mim mesmo e até as pessoas ao meu redor.

O Líder Inspirador colocou a xícara na mesa, ouvindo atentamente. Téo continuou:

— Aprendi a liderar servindo, a mostrar o exemplo com humildade e agora tenho a clara intenção de construir um legado positivo. Tenho sido muito mais

consciente de como impacto minha equipe. E devo isso a você.

— Não precisa me agradecer, Téo — disse o Líder Inspirador, com uma expressão serena. — O mérito é todo seu. Você decidiu colocar o que aprendeu em prática. Isso é o que realmente faz a diferença.

Téo sorriu, sentindo uma onda de gratidão. Naquele momento, o Líder Inspirador pegou um pacote cuidadosamente embrulhado em papel vermelho e o colocou na frente de Téo.

— Tenho um presente para você, algo que acho que pode te ajudar a continuar evoluindo.

Surpreso, Téo abriu o pacote com cuidado e encontrou um livro intitulado “Muito Além do Trabalho”. Ele sorriu ao ler o título e, ao abrir a capa, encontrou uma dedicatória escrita pelo Líder Inspirador.

Com curiosidade, começou a ler em voz alta:

— “O maior presente que você pode dar a si mesmo é a humildade de reconhecer que tudo o que você sabe é muito pequeno diante de tudo o que pode aprender. O maior presente que você pode dar à sua equipe é a oportu-

nidade de, dia após dia, fazerem o que sabem fazer de melhor. Isso fortalece quem eles são na essência. E o maior presente que você, como líder, pode dar à sociedade é proporcionar um ambiente onde os relacionamentos e a qualidade de vida sejam saudáveis.”

Téo ficou em silêncio por alguns segundos, absorvendo cada palavra.

— É incrível — disse ele, emocionado. — Isso resume exatamente o que eu quero ser como líder. Obrigado por me guiar nesse caminho.

O Líder Inspirador olhou para ele com uma expressão de contentamento.

— Téo, espero que você leve essa mensagem adiante. Que você seja uma inspiração para outros líderes. E mais do que isso, que você seja um símbolo de esperança. Muitas pessoas carregam marcas deixadas por líderes ruins. Mas você pode ser o exemplo de que uma liderança positiva e humana é possível. Téo acenou positiva-

mente com a cabeça ao mesmo tempo em que sentia um entusiasmo em poder fazer a diferença.

— Vou dar o meu melhor para honrar isso, para ser o tipo de líder que minha equipe merece — respondeu, com determinação.

O Líder Inspirador sorriu novamente e levantou sua xícara.

— Que o Natal nos lembre de olhar para o futuro com esperança e generosidade, Téo. E que nunca esqueçamos que o maior presente que podemos dar é ajudar os outros a se tornarem o melhor que podem ser.

Enquanto brindavam com suas xícaras de café, Téo sentia que aquele momento não era apenas um fechamento de ciclo, mas o início de algo muito maior. Ele saía dali não apenas com um presente nas mãos, mas com um propósito renovado no coração: liderar com humildade e empatia, construir um legado e, acima de tudo, inspirar outros a fazerem o mesmo.

**O Natal possui a força de curvar árvores.**

**SUPERMERCADO SHIMODA**

Onde seu dinheiro compra mais

Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300  
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175  
Monte Sião - Minas Gerais

Supermercado e Casa de Carnes

**Oliveira**

A melhor carne da região!

Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000

(35) 3465 1817 / 3465 2109



**ALINHAMENTO E BALANCEAMENTO DE RODAS, ESCAPAMENTOS, AMORTECEDORES, BATERIAS**

RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38  
(ANTIGO MATADOURO) **3465-5463**

# O SOLDADO RÔMULO DE OLIVEIRA SANTOS, O PROERD/2024 E AS ESCOLAS DE MONTE SIÃO

L. A. GENGHINI

A diplomação dos alunos do PROERD, edição 2024, foi um verdadeiro presente para as Festas Natalinas de nossa cidade! Verdadeira chama de esperança para nossas famílias e seus filhos! Boas Festas!

Diante do tamanho do evento de diplomação dos alunos do PROERD-MONTE SIÃO e da considerada repercussão na comunidade, recebemos o Soldado Rômulo de Oliveira Santos, sua noiva Kawana Pereira de Paula e seu pai Carlos José de Souza Lima Santos, que veio de Volta Redonda para o evento, para um bate-papo a fim de compreender o evento PROERD/2024/MONTE SIÃO, que se tornou marcante com ampla participação da comunidade, ginásio cheio, música ao vivo pela Lira Monte Sião, animação e autoafirmação. A seguir, as principais contribuições de nossa animada conversa.

O PROERD é o Programa Educacional de Resistência às Drogas e é difundido pela Polícia Militar. Teve início na década dos 70 nos EUA e se tornou um forte aliado na prevenção às drogas, sendo rapidamente difundido por todo país e, posteriormente, para o mundo. Atualmente, diversos países aderiram ao programa e em todo local que é aplicado segue nos moldes do programa original americano sob a denominação D.A.R.E. - Drugs Abuse Resistance Education.

O PROERD é uma união entre a polícia, as escolas e a família, juntando forças para proporcionar às crianças e aos jovens, condições de resistirem às más influên-

cias de uma forma geral e, em cada Estado, alguns militares são credenciados para poder dar as aulas do programa. No nosso caso, o soldado Rômulo iniciou as atividades no PROERD no segundo semestre de 2024.

Tendo surgido a oportunidade de fazer o Curso de Instrutor na Polícia Militar, Rômulo se voluntariou, mesmo sem pretensão de que pudesse ser chamado para fazer o curso. Foi feita uma seletiva, pois para toda 17ª Região da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais seriam disponibilizadas apenas 2 vagas. Além do pequeno número de vagas, a polícia tem extremo cuidado na escolha do militar que irá atuar no portfólio, com todas as atividades envolvidas na execução do curso, além de criteriosa seleção para definir os militares que irão participar da ação.

Após a seleção o Soldado Rômulo teve o seu nome confirmado, e o fato de ser selecionado para o curso lhe trouxe ainda mais ânimo para a carreira, pois foi um curso bastante intenso. Foram 15 dias longe de casa, com muitas horas de estudo e diversas atividades que exigiam muito da capacidade criativa e intelectual dos estudantes. O nosso entrevistado afirmou que, apesar do curso cansativo, percebeu que havia encontrado seu lugar na instituição (Polícia Militar) e, após retornar a Monte Sião, iniciou as aulas.

Ao iniciar no PROERD ficou em regime de dedicação exclusiva, isto é, dedicando toda a sua carga horária exclusivamente às atividades de aulas, palestras nas escolas e todas as demais demandas que a

rotina exigia, desde a interação com as escolas até o evento solene da formatura, fato já anotado neste mensário, na coluna Último Trem, edição 629 de nov.24.

As aulas são todas pré-formatadas segundo os padrões dos EUA. Desse modo, o material didático já vem com slides e conteúdo programático todo previamente preparado, bastando ao instrutor seguir o padrão fazendo inserções para atender demanda instantânea ou permanente de determinada região ou público. O material possibilita aulas bem dinâmicas, pois é utilizada didática em que os alunos são protagonistas, logo, são estimulados por intermédio de perguntas de facilitação a fim de fazer com que eles possam chegar ao raciocínio esperado.

Durante as aulas são apresentadas várias questões em grupo, em duplas e individuais, existindo, também, algumas atividades para serem desenvolvidas em conjunto com as famílias para estimular e fortalecer o vínculo de confiança entre as crianças e seus responsáveis.

As palestras, por sua vez, normalmente são sob demanda e as escolas as solicitam para que sejam feitas abordando algum tema específico, sobre o qual o Instrutor pesquisará e desenvolverá material adequado à necessidade de cada escola solicitante e do público-alvo que será convidado à participação.

No caso do Soldado Rômulo há um reforço técnico muito importante porque sua noiva é pedagoga, trabalha na educação há alguns anos, sempre participa da dinâmica da preparação e recomen-

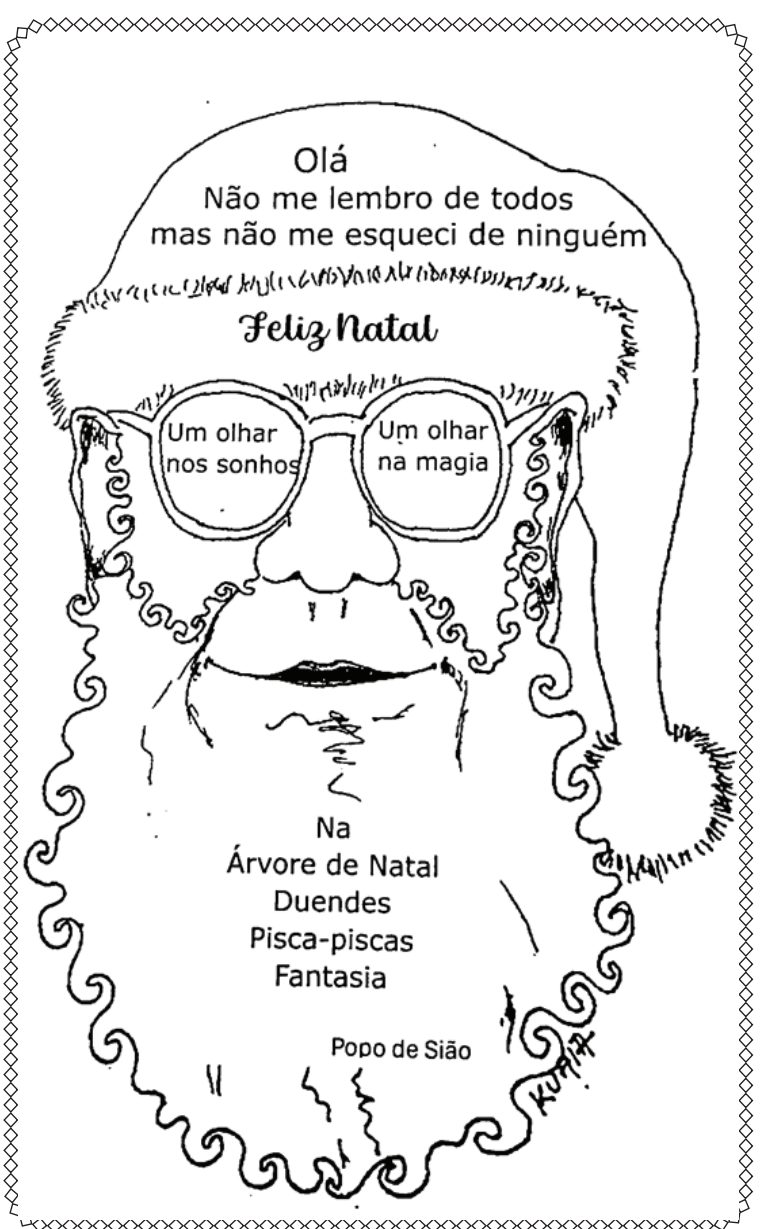
dou leituras e cursos específicos que poderão influenciar profundamente o futuro da carreira do Soldado-professor.

Segundo Rômulo, entrar para o PROERD foi o segundo melhor fato que aconteceu na sua vida, uma vez que, justiça seja feita, a primeira foi ter conhecido a noiva, a companheira que tem estado lado a lado em sua jornada, a ponto de arrancar declarações como “Eu digo a todos que nesses sete anos de carreira na polícia, nunca me vi tão motivado e realizado igual estou agora exercendo essa atividade”.

Finalizando, cabe informar que o Soldado Rômulo é bacharel em direito, veio de Volta Redonda-RJ em 2017 pra fazer o curso de formação de soldados e daí, direto pra Monte Sião, cidade pela qual se diz apaixonado, onde afirma ter conhecido pessoas fantásticas, encontrado a pessoa com a qual deseja permanecer por toda vida e pede a Deus que o permita permanecer em Monte Sião por mais longos anos.

Monte Sião tem sido afortunada com policiais que fincaram pé e criaram raízes por aqui, ora com suas famílias, ora constituindo famílias, como é o caso do Gabriel Soldado, do Carmino, do Joaquim, do Manoel Soldado, depois advogado militante e cidadão monte-sionense, do Cabo Lázaro e outros mais. O Soldado Rômulo já provou reunir os requisitos para ser monte-sionense de coração e alma, enquanto o reconhecimento virá dos cidadãos, das crianças e dos professores que estão recebendo suas influências positivas.

Bem-vindo, Rômulo e faça daqui a sua morada!



## ARCO-ÍRIS

Um arco-íris surgiu deslumbrante, numa tarde chuvosa de novembro, entre as montanhas de Alto Paraíso, na Chapada dos Veadeiros.

Como nas antigas lendas orientais, logo um pensamento surgiu feito uma luz conectando meu espírito com os dos meus antepassados, através de uma ponte de arco colorida.

Uma forte sensação de paz perpassou a minha mente com um sentimento de que as sete cores Iluminaram minha alma de amor e felicidade..

Logo o colorido se dissipou e desapareceu com a luz do sol, mas a percepção das mensagens recebidas dos meus ancestrais permanecerão impregnadas em meu coração.

(Em tempo, desejamos aos nossos leitores e colaboradores Boas Festas e Feliz Ano Novo!)

Yoshiharu Endo

## GUERRA E PAZ

PAULO FRNCO

“A morte de uma pessoa é uma tragédia; a de milhões, é uma estatística”(-sic).

Nefanda realidade. O número de mortos numa guerra pode não nos chocar mais, porque nos acostumamos a ela, como nos acostumamos aos mendigos, pessoas dormindo nas calçadas ou um número crescente de pessoas morrendo numa pandemia. Não que sejamos indiferentes a tudo isso, vamos assimilando esses fatos e continuamos tocando a vida numa inércia involuntária.

Parece que a nossa alma adormeceu e caindo em sono profundo nos tornou indiferentes.

O que nos tira dessa apatia, talvez seja a lembrança do cogumelo que se formou quando a Little Boy aniquilou Hiroshima ou a imagem icônica da pequena Kim Phuc, o corpo queimado, correndo nua entre outras crianças, fugindo do vilarejo vietnamita arrasado por um ataque de napalm ou quando a natureza se rebe-

la também nos tira desse marasmo, como naquele, já quase esquecido Natal de 2004 onde mais de 200 mil vidas foram ceifadas por aquele tsunami ou ainda, mais recentemente com a tragédia de Brumadinho.

O mesmo aconteceu com a pandemia e a tragédia no sul do país. Nossos olhos e ouvidos vão se habituando e continuamos sem ação ou reação às tribulações do tempo em que vivemos.

Se Nelson Rodrigues dizia que “a televisão matou a janela”, esse vírus, a violência urbana e as atribulações do dia a dia a ressuscitaram.

Completando Drumond: “O mundo é grande e cabe nesta janela sobre o mar”. Hoje a janela está nos celulares, janelas indiscretas que se perscrutam.

Ruas desertas e varandas compartilhando pessoas, olhares, que até ontem nos eram completamente estranhos. Nos encontramos olhando o mundo através delas e por trás das grades do nosso quintal. Olhares tristes e por vezes indiscretos como numa longa cena hitchcockiana, outras in-

gênuas como as moças de Guaratinguetá eternizadas por Di Cavalcante ou sonhadora como a namorada do artesão mineiro ou ainda na nostálgica figura na janela de Dali, de uma época onde as mulheres viam o mundo da janela, enquanto cabia aos homens o mundo lá fora e que hoje se tornou reduto de fortes: trabalhadores da limpeza, do comércio essencial, boêmios, marginais, marginalizados e incautos. O mundo sucumbindo à crua realidade.

Esse crescente de vítimas, seja por vírus, seja por catástrofes, seja por violência, só começou a nos incomodar quando os números foram se transformando em rostos, famosos que conhecemos, conhecidos distantes, depois amigos e sentimos a aproximação ameaçando os nossos quintais e as nossas janelas.

Então nossos olhares se transformam e janelas da alma que são, não escondiam a angústia e o desassossego. E os nossos pensamentos, contrariando a distopia em que vivíamos, clamava por um dia não

muito distante onde pudéssemos abraçar e beijar novamente nossos amigos e parentes, deixando pra trás “a janela que se abria sobre uma cidade que parecia ser feita de giz...uma época de estiagem” do poema da grande Cecília Meireles.

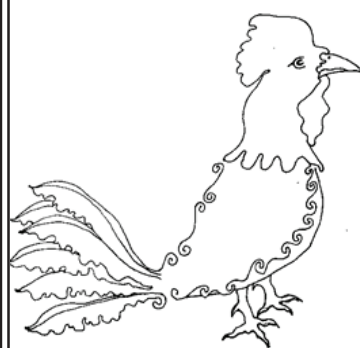
Mas a utopia que sonhamos não veio. O mundo não mudou, as pessoas não mudaram.

As guerras mais recentes no leste europeu e nos países árabes, ressuscitaram a indiferença, apesar de mal nos darmos conta disso.

Resgatemos novamente Cecília Meireles, que segue nos trazendo esperança: “Às vezes, olho pela janela e encontro o jasmineiro em flor. Pardais que pulam pelo muro. Gatos que abrem e fecham os olhos, sonhando com pardais. Às vezes, um galo canta. Às vezes, um avião passa. Tudo está certo, no seu lugar, cumprindo o seu destino. E eu me sinto completamente feliz.”

Esse pensamento nos alenta e seguimos ávidos para que venha o tempo de redescobrir o mundo além dos nossos jardins.

## O GALO DA ALVORADA



J CARLOS GROSSI

Meu pai sempre me dizia que nas bandas do Bamburral havia um galo que toda manhã cantava até explodir, mas na manhã seguinte lá estava ele, novamente, cantando até explodir.

Era uma história que eu não engolia, porém, vindo do pai, daquela e todas as outras, sempre duvidava pela metade.

Com o olhar de um sábio divertia-se de minha meia incredulidade. E nunca disse o nome daquela fantasmagórica criatura que desafiava em seu canto todas as leis de tempo e espaço, já que em alguns meses mudava de terreiro e podia ser ouvido muito além dos bambuzeiros. E, também, nunca disse quando tal magia havia começado, se fora contada por gerações ou simplesmente inventada.

Aquele galo pertencia

a nada, sequer alguém o alimentava. Uma ilusão, ouvi comentários. Era da própria natureza dos seres fantásticos, um espectro do outro mundo. Mesmo assim arrisquei perguntar qual era sua cor, para me certificar se era verdade, se alguém o havia visto. E meu pai me disse, categoricamente: é a cor da alvorada.

Hoje, envelhecido de idade e já transposto o horizonte, atravessado a ponte dos abismos e mergulhando nas minhas próprias profundezas, acredito que descobri o enigma: o galo, de fato, era uma nova manhã que nascia. Explodindo em cores. Foi assim, portanto, que passei a compreender as ilusões, benzimentos, quebrantos e lendas, pois já não tenho mais a pressa do tempo...

Agora compreendo o que aquele galo significava pro pai e que também passou a significar pra mim: é o renascer das esperanças em um novo dia; sua explosão de cores, o piado das aves, o mugir dos bois e o revoar das andorinhas.

Fecho os olhos e faço meu pedido de Natal: quero um galinho igualzinho a esse pra mim.

# NATAL, O PODER DO AMOR

**JOSÉ ANTONIO ZECHIN**

Impressionante como o mundo cristão ocidental fica solidário nesta época do ano. Todos querem que todos sejam felizes e todos tenham tudo não importa como. Recebo inúmeros cumprimentos nos corredores de supermercados, lojas, filas de banco ou mesmo andando distraído pelas ruas. Sem considerar os milhares de mensagens através das redes sociais, de gente que nem conheço — considerando que ninguém mais

envia aqueles tradicionais cartões de natal escritos à mão, com o cheiro da pessoa amada, do familiar querido, do amigo que está longe. O mundo moderno não permite mais “essas coisas do passado”. Toma muito tempo!

Eu — veja bem, que sou um beatlemaníaco —, não suporto mais aquela sonolenta canção de Lennon “cobrando” uma atitude da gente: “Então é Natal, e o que você fez?... Fico feliz em saber que queiram que eu seja feliz. Mas, desculpa, acredito que a minha felicidade de-

pende mais de mim mesmo do que dos outros. Sei que o amor é lindo, mas existe uma grande diferença entre a teoria e prática. É muito bonito fazer uma oração de mãos dadas ao redor de uma farta mesa natalina. Mas, e depois? Penso que as orações solitárias são mais poderosas. Enfim, triste dizer isso, mas o espírito de Natal é passageiro. Logo volta a imperfeição humana. O que me faz refletir que o problema da humanidade não é quando o Papai Noel vem. É quando o Menino Jesus não vem.

# O SINO E A NOITE DE NATAL

**JAIME GOTTARDELLO**

Dos morros nos arredores da pequena cidade, com cheiro de laranjeiras em flor e um céu negro aveludado colorido por milhares de estrelas, se ouvem os sinos de Natal que entoam um canto mudo. O som que vibra no ar traz histórias antigas que nos embalam como um terno abraço.

Conta-se que, há tempos, na pequena cidade, surgiu um sino de bronze que transbordava de luz. Dizia-se que havia sido forjado por mãos desconhecidas que buscavam a harmonia em oposição ao caos. Tornou-se o coração de toda celebração.

Na véspera de Natal, quando a noite é tomada por risos e confraternizações, o seu badalar profun-

do e grave ecoa da torre da igreja, trazendo com ele um encanto lendário.

Costuma-se contar que cada batida sua guarda um desejo. Talvez um sonho, uma prece, ou até mesmo uma nova oportunidade de reconciliação. A magia do badalar do sino afeta especialmente as crianças... seus olhos brilham como pequenas luzes na árvore de Natal na praça. Os mais velhos sorriem serenos. Eles sabem que o sino de bronze carrega as dores e alegrias de todas as gerações que por ali passaram. Gerações unidas em um fio invisível de memória e tradição, de amores, de lutas, de vidas que amaram.

Naquela noite especial, os sinos dançam no vento. O ritmo imposto pelo sino de bronze é como uma melodia divina, de paz e con-

forto harmonizando-se com as risadas, os sussurros das preces e o silêncio das estrelas. Era como se o tempo parasse, e o momento, carregado de significados, se estendesse por toda a eternidade. E quem tem ouvidos para escutar com o coração pode sentir o Natal mais perto.

A noite tão especial e mágica, não apenas feita de som, é a essência do tempo, que vem nos lembrar que o Natal é um laço que a vida nos traz, unindo o passado, o presente e a boa vontade entre nós. E sob o céu estrelado, envolta pelo perfume das laranjeiras, a cidade inteira parecia compreender que o badalar do sino não era apenas som, mas o coração pulsante da vida na mais simples e bela manifestação do Natal.

Feliz Natal, Feliz 2025!

**MONTE SIÃO DE OUTRAS ERAS**  
Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, textos de antigos colaboradores.

## PRESENTE DA NATUREZA

**UGO LABEGALINI**

O Natal que passou me fez recordar uma viagem de quando eu retornava do Maranhão. O Fenemê vinha com fardos de algodão prensados, colhido em Codó/MA. O carregamento era destinado a uma indústria têxtil em Santa Bárbara d'Oeste, região de Campinas. Era bem próximo ao Natal e o dia do meu aniversário. Na boca da noite cheguei numa vilazinha no interior maranhense. No povoado

não se contavam mais que 10 moradias e era desprovido de tudo. A energia elétrica que vinha de um motor diesel, funcionava até as 21 h, abastecendo meia dúzia de lâmpadas nos postes de pau fincados em frente às casas esparsas. A luz chegava numa fiaca danada, que nem atraía insetos ao seu redor. Assim que acabou de escurecer, todas as portas das residências foram fechadas deixando o pedaço um deserto. Apenas uma bica d'água de uso coletivo perma-

necia no meio de um pequeno largo, jorrando água em abundância. Lavei a cara e molhei os cabelos que ainda eram bastantes. Minha intenção era continuar a viagem, mas assim que me sentei junto à bica e acendi o cigarro, comecei a fazer meus cálculos. Se continuar rodando agora, vou chegar de madrugada à próxima cidade. Eu, sozinho por esse mundão escuro é arriscado, é perigoso, larguei mão. Vou ficar é por aqui mesmo. Arreganhei as portas do

Fenemê para rebater o calor que reinava. Noite mais adentro, abriu-se a porta de um casebre e seu morador se aproximou:

- Boa noite, deu alguma pane no caminhão?

- Não, parei apenas para descansar um pouco, mas resolvi pernoitar aqui e seguir viagem amanhã bem cedinho. Trocamos conversa por mais de meia hora. Ele falando da sua vida e coisas e eu, das minhas. Aquela conversa de sempre. Quem é? De onde vem para onde vai,

onde mora, etc. Após diversos dedos de prosas, boa noite, se precisar de alguma coisa, moro ali naquela casa. Agradei e entrei na boleia. Já estava mais refrescada e comecei a lastimar. Dia do meu aniversário vá lá, tudo bem, mas passar a noite de Natal longe de casa, que tristeza. Sem Ceia, sem Missa do Galo, ausente da família; esta hora eu poderia estar numa lanchonete cervejando com meus amigos, ao invés de estar aqui nessa escuridão deserta. Meu Deus!

Dado um tempo, o que me confortou foi avistar lá longe um clarão imenso se apresentando. Demorou nada para despontar a lua com uma baita cara, lumiando tanto que me deixou encantado pelo seu tamanho e pela sua beleza. Para mim foi um presente de aniversário ofertado pela natureza.

Confortado, estiquei o esqueleto na cama do Fenemê e fiquei apreciando o clarão através do para-brisa e ouvindo apenas o barulhinho da água da bica.

**MATHEUS ZUCATO**

*Eu o vejo, mas não agora; eu o contemplo, mas não de perto. Avança a constelação de Jacó e sobe o cetro em Israel.*

— Nm 24,17

Apareceu no céu, um pouco acima do horizonte, a estrondosa luz a ofuscar

três pares de olhos surpresos separados na terra pela distância de milhares de passos, porém unidos no tempo com a sabedoria da contemplação humana. Não esperaram a desolação para poderem contemplar o divino. Era o tempo do rei Herodes na Judeia, do Império Parta, na Pérsia, do Império Maurya na Índia e das muitas tribos e

reinos da Arábia. Contar a história de um é contar a dos outros. Nas cortes, foram tachados de loucos. Os profetas de todos os cantos do mundo viram ao mesmo tempo em seus oráculos uma tentativa de armadilha contra um rei. Cada um dos astrônomos, astrólogos, os “magos” do oriente, se pôs solitário a caminho atrás da Estrela, com alguns animais, comida, água e especiarias.

A luz da constelação iluminou os muitos perigos antes que eles atacassem do mouro Baltasar. Contudo, desde o início do trajeto, na Arábia Feliz, tropeçou nos arrependimentos da vida: sobre seus pés uns tantos dias sem amor aos que amava atrapalharam-lhe o andar; estorvaram as suas vistas as riquezas desmedidas; o ódio orgulhoso; o ócio espiritual; a mulher a quem prometera amor e entregara desgostos múltiplos. Feriram-lhe os braços e as pernas os espinhos criados durante toda a vida em detrimento dos mais

fracos, dos menos afortunados. O sábio peregrino seguiu o caminho pontiagudo da redenção. A mirra, substância medicinal, surgiu em suas bolsas de pele de carneiro com um odor semelhante à felicidade da alma. E assim ele se curou.

Gaspar vinha das regiões montanhosas do Mar Cáspio. Por todo o caminho mostrado pela estrela, saqueadores, heresiarcas e adversários políticos vigiavam uma oportunidade de ataque ao robusto magoi oriental. Orientado pelo ponto celestial, refugiou-se sob densa névoa perfumada. Ao sábio, sempre em busca de algo além do que a terrena compreensão conseguiu oferecer-lhe em vida, a pesada nuvem que o protegia dos inimigos também proporcionava reconhecimento espiritual. Ganhava sentido a vida contemplativa. O incenso depositava-se abundante no solo, e o forte rapaz colheu enormes quantias do material mágico.



Quando ao velho Melchior, vindo da Ur dos caldeus, próxima à majestosa Babilônia, trazia em suas barbas e cabelo brancos a experiência da conduta parcimoniosa. Os seus passos muitos lentos guiados pelo aparato celestial demonstravam aos demais peregrinos que a ansiosa pressa por um objetivo transformava uma conquista em derrotada infelicidade. Por onde passaram, suas mulas deixavam marcadas no solo pegadas folheadas a ouro.

Por onde andou, auxiliou os necessitados; se desfez aos poucos da pobre avareza material que marcou a sua vida abastada. As moedas de ouro desapareciam das sacolas até sobrar o bastante para um único presente final.

Semanas mais tarde, os três sábios se encontraram nos portões de Jerusalém e discutiram, além dos contratemplos de suas viagens, como perguntariam ao Rei Herodes sobre o nascimento do novo rei dos judeus.

## EXPEDIENTE

**ENTIDADE MANTENEDORA:** Fundação Cultural Pascoal Andreta

**Fundador** – Antonio Marcello da Silva

**Diretores** – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

**Conselho Administrativo** – Alessandra Mariano Silva Martins, Bernardo de Oliveira Bernardi, Jaime Gottardello, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco e Matheus Zucato Robert.

**Diagramação** – Matheus Zucato Robert

**Fotografia** – José Cláudio Faraco

**Direção financeira** – Charles Cétolo

**Secretário de Redação** – José Carlos Grossi

**Jornalista responsável** – Simone Travagin Labegalini (MTb 3304 – PR)

**Colaboradores** – Arioaldo Guireli, Arlindo Bellini, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Carolina Nassar Gouvêa, Danilo Zucato Robert, Eraldo Humberto Monteiro, Ismael Rielli, Ivan Mariano Silva, Jaime Gottardello, José Aláercio Zamuner, José Antonio Andreta, José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Luis Augusto Tucci, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Rodrigo Zucato, Ugo Labegalini (in memoriam), Valdo Resende e Zeza Amaral.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 10 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

**Redação:** Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

[jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br](mailto:jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br)



**Pães e Massas Especiais**  
**Panetones e Congelados**

Rua J.K. de Oliveira, 1.170  
**Fone 3465-1368**  
Monte Sião - MG



# Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Dezembro de 2024

Nº 630

# ÚLTIMOTREM

## ANIVERSARIANTES DO MÊS

### Janeiro de 2025

Dia 01	Dia 16
Anselma Gaioto Benatti	Dr. Antonio Marcello da Silva
Ricardo Fernandes Freire	Dia 17
Dia 02	Flávio Leme
Willian Augusto de Paiva	Marcelo Zucato
Dia 03	Hiroshi Takahashi
Iolanda da Fonseca Silvério	Dulcelene Pioli
Raimundo Esteves da Silva	Dia 19
Vera Ap. Labegalini Denez	Bruna Vilela Bueno
Dia 04	Fábio Labegalini Zucato
Renata Zucato	Vilma Helena da Silva.
Valéria Elena Canela	Paulo Roberto Labegalini
Alice da Silva	Henrique Monteiro
Diego Felipe Souza Dias	Mário Sebastião Labegalini
Dia 05	Lúcio B. Labegalini
Tatiani Campos Freire	Nelson Labegalini
Vinícius Monteiro Rizzato	Dia 20
Dia 06	Rafisa Aparecida Ferreira
João Gabriel G. Silva	de Godoi
Horácio Glória Canela	Sebastião Romeu de Souza
Débora M. Comparim	Euclides Sebastião Denez
Zucato	Dia 21
Maria José da Costa	Nayara Barbosa
Dia 07	Pedro Antonio G. Silva
Maria Dione Viviane	Miriam Nozomi Izumi
Fernanda F. Fazoli Gotardelo	Larissa Ribeiro Labegalini
Dia 08	Inês Pires Fonseca
Samantha Zamuner de Souza	Dia 22
Neuza de Lima	Mariana Zucato
Amábilie Barbosa Ferraz	Lais Magioli Rodrigues
Flávio Anselmo Scachetti	Dia 23
Débora Valdissera dos Santos	Bianca Folgosa Macedo
Inês Shibuta	Dênis Odinino
Dia 09	Ana Carolini Fabri
Flávia Coutinho	Dia 24
Israel Pereira Barbosa	Robson Comune Faria
Evandro Takahashi	José Reinaldo Macedo
Eurema Labegalini	Daniela Righette
Tiago Henrique Artuso	Walter Gotardelo
Dia 10	Isabel Silvério Barbosa
Celina Dorta Machado	Dia 25
Sofia Borges Galbiati	Murilo Jiharu Izumi
Eduardo Vicente Gaspardi	Dia 26
Érica Borges de Queirós	Celso Grossi
Dia 11	Talita Valdissera dos Santos
Wellington Vieira Macedo Jr.	Cecília Comparim
Pedro Henrique Z. Righetto	Juliana Genghini
Dia 12	Dia 27
Antonio Roberto C. Genghini	Plácido Bernardi Neto
Oralina B. do Nascimento	Maria Antonieta D. Firmino
Dia 13	Cibeli Armelím
Luis Henrique Bossi B. Veloso	Otávio Monteiro Odinino
Waldemar de Castro Jr.	Dia 28
Luciana Silvério da Fonseca	Antonio Carlos Ferraz
Luiza Lázari Bueno	Dia 29
Dia 14	Luciana Ap. Freire Canela
Eduardo Kenji Izumi	Dia 31
Dia 15	Maria Emília R. Zucato
Larissa Zucato Lopes	Sandro Penachi Moreira
Vanessa Durante	

A todos, as felicitações da Redação!

### FIM DE ANO – ANO NOVO!

Considerando a comemoração do nascimento do Menino Jesus, próximo ao final do ano, é justa a fusão/confusão das duas festas, ao mesmo tempo! Tudo de bom. Aproveitamos o momento para cumprimentar os colegas que juntos fazemos O MONTE SIÃO todos os meses, os nossos leitores que continuam exercitando a paciência com nossos relatos e provocações, nossos colaboradores e toda essa gente trabalhadora que labuta, reza, canta e festeja. Feliz Natal, Boas Festas e Próspero Ano Novo a Todos!

### CONCURSO “AUTORES DE MONTE SIÃO”, EDIÇÃO 2024.

Com ampla participação das escolas municipais, dos professores e dos alunos, somando 57 trabalhos, de quatro EM – Escolas Municipais, sendo que uma delas não conseguiu entregar os trabalhos no prazo, encerramos a edição 2024 do Concurso “Autores de Monte Sião”. A comissão julgadora formada por Alessandra Mariano Silva Martins, Jaime Gottardello e José Carlos Grossi procedeu à análise e classificação dos trabalhos recebidos, tendo declarado vencedores os três, a seguir: Autora Lara Sales de Moraes, nono ano, E. M. Lázaro Cândido de Souza, sobre o tema Resenha Crítica do “Dragão Chinês”, de autoria de Matheus Zucato Robert, sob orientação da professora Luciana Gangi dos Santos; Autora Emily dos Santos Cândido, oitavo ano, E.M. Comendador B. Oliveira, sobre o tema “Uma Inspiração Chamada Pascoal Andreta”, orientada pelo professor Diogo Magnani; e, a autora Beatriz Ferreira, sexto/sétimo anos, E.M. Dom Otávio Chagas, sobre o poeta Cido Boava, poema “Quindins e Alecrins”, orientada pelo professor Adriano Mendes. A premiação correspondente foi entregue nas escolas, por representantes da FCPA, durante o mês de dezembro de 2024. Os trabalhos vencedores poderão ser publicados no “Monte Sião”, nas próximas edições. Foram inscritas cinco Escolas Municipais: E. M. Comendador Batista de Oliveira, E. M. Dom Otávio Chagas, E. M. Lázaro Cândido de Souza, E. M. Benedito Dorta de Souza e E. M. Padre Reinaldo. Parabéns a todos os envolvidos! Vamos investir em outras ações desse quilate como incentivo aos

futuros escritores de Monte Sião!

### 26º ROMARIA DA VOLTA

Pela vigésima sexta vez, os fiéis de Monte Sião realizaram a Romaria da Volta, tendo saído de Aparecida em 21 de novembro de 2024 e chegando a Monte Sião em 27 de novembro de 2024. Foram 128 Romeiros, durante 7 dias de caminhada, convivência, orações e revelações que alavancaram o estado de espírito e purificação. Ave, Nossa Senhora! Louvado seja Deus!

### RIDE BIKE MONTE SIÃO

Em 01 de dezembro de 2024, ciclistas profissionais e amadores participaram ativamente da MARATONA MOUNTAIN BIKE, realizada em Monte Sião, nas categorias: Pró – 46 km, Sport-32 km e Light-20 km. Mens sana in corpore sano!

### PRESTANDO CONTAS

Ouvi todinha, pela Rádio Cidade Das Malhas, a entrevista do Sr. Prefeito José Pocai Jr, que está encerrando seu segundo mandato. Excelente relato de obras e de considerável saldo de caixa para início do mandato do próximo Prefeito, Dr. Zucato Júnior. Obras, calçamentos, fossas, eletrificação etc... Parabéns! Entretanto ficaram para trás coisinhas pequenas (porém importantes) tais como: a liberação temporária de verbas para as artes (só no final de novembro estão sendo providenciadas), problema na linha municipal para a Mococa e imediações e... a estrada de terra do Bressan, da benzedeira D. Cacilda, que está há uns oito anos esperando uns caminhões de pedregulho (Esta ficou para o Dr. Juninho!)

### ESTRADAS ENTRE CIDADES DA REGIÃO

Fim de semana de 23/11/24 fizemos o trajeto São Paulo a Monte Sião passando por Bragança Paulista, Pedra Bela, demos uma esticada até Toledo, passamos por Munhoz e Bueno Brandão, onde almoçamos no restaurante “Das Cumadi”. Na sequência fomos a Inconfidentes, até a Fazenda Junqueira, da antiga “Pinga Meu Bem”, onde fomos em busca de mudas de palmito a fim de repovoar uma restinga nos

Farias, e, finalmente, atracamos em nosso recanto entre Ouro Fino e Monte Sião para passar a noite. Em resumo, todas as estradas intermunicipais estão pavimentadas, inclusive, da janela do restaurante “Das Cumadi” se avistava a estrada que liga Bueno a Monte Sião, e, até onde se via, toda pavimentada. Enquanto isto, as estradas municipais de Monte Sião a Bueno Brandão, a Jacutinga e Socorro, via Bairro da Gardinha, estão a pedir, com uns vinte anos de atraso, a atenção que o povo merece. Dr. Pocai Jr. disse que há processo de licitação em andamento... ficaram para o Dr. Zucato Jr. - A conferir!

### AGULHADAS (CERTEIRAS?)!

Durante a entrevista de 27/11/24 à Rádio Cidade das Malhas o alcaide municipal abordou questões relacionadas a eventos, promoções, marketing e outras providências que podem melhorar o desempenho da cidade. Porém, informou que boa parte desses eventos competem a Associação Comercial... portanto, a Associação Comercial, e de quebra a classe artística, têm o direito de pleitear entrevista no mesmo horário e no mesmo veículo a fim de se expressar. Meu velho pai chamava a isto de “jogo de empurral”.

### A CIDADE E O TURISMO

Melhorou muito nesses últimos 50 anos (desde os anos 70) a capacidade receptiva da cidade. Hotéis, pousadas, vários restaurantes, banheiros públicos e um mar de lojas. Entretanto, a falta de espaço para estacionamento seguro, de meios ostensivos de acesso às áreas central e comerciais e a quase inexistência de lanchonetes, pastelarias e cafeterias deixa os turistas/compradores com pouquíssimas opções. Para consideração de empreendedores!

### AOS TORCEDORES DO PALMEIRAS!

Os fiéis torcedores do Verdão estão organizando outro encontro/almoço a se realizar em 25 de janeiro de 2025, sob a batuta de nosso amigo músico, Edu Eduardo Godoi, o neto do Luís Cândio. Ótima oportunidade para começar o ano revendo amigos e falando da tradição Palestrina!

## CANÇÕES DE MONTE SIÃO

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, letras de canções de músicos monte-sionenses.

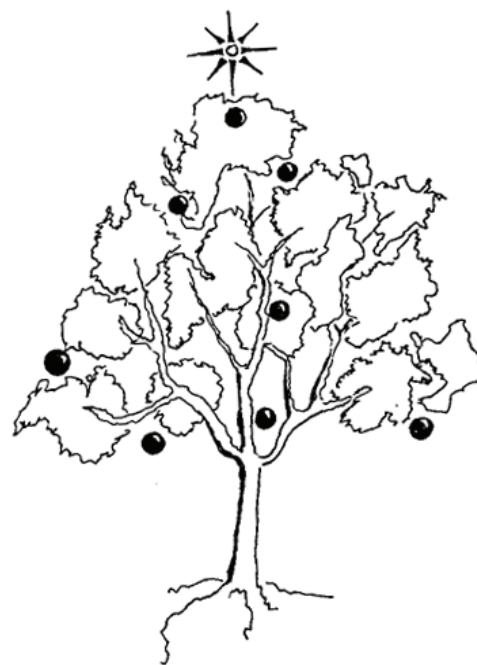
### ONTEM E HOJE (SAMBA - 15/12/56)

HERMÍNIO ZUCATO FILHO  
E  
PASCOAL ANDRETA

Do morro... (não te lembrás, mas me lembro:  
Em vinte e cinco de dezembro festejavam o Natal...)

Trouxeste dois vestidos na sacola  
E uma velha camisola...  
Todo o teu enxoval, real...  
Descemos a cantar para a cidade,  
Onde fiz com hombridade  
Do meu lar também teu lar.  
Mas, quando um dia despertei,  
Desolado, notei, frio e só teu lugar.

II  
Hoje és senhora de bem...  
Nem te lembrás da favela...  
Já esqueceste também  
Dos vestidos de flanela...  
Vestês cetim e não me vêes,  
Mas no fundo és folhetim  
Que já li uma vez...



**ACM** ADRIANO - CHARLES - MAURICE  
CONTABILIDADE

(35) 3465-1635  
3465-4404

R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião |MG

**PORCELANA MONTE SIÃO**

BIBELÔS EM GERAL – CANECAS PARA CHOPP  
VASOS – CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.

A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil  
AGRADECEMOS SUA VISITA

Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

A melhor internet do  
Circuito das Águas Paulistas

**TELESON**  
TELECOM

Águas de Lindoia: (19) 3824-3671  
Monte Sião: (35) 3465-4963  
WhatsApp: (19) 99773-1001

**Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise**

Bioquímico: Ferdinando Righetto

- Teste do Pezinho ampliado
- Credenciamento com os Laboratórios:

GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)  
HERMES PARDINI (Belo Horizonte)

Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

Nossos avós já compravam na

## Loja do Plácido

A mais antiga da cidade - Desde 1922

TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO

Rua Presidente Tancredo Neves, 194  
Fone: 3465-1144

**Sebo do Ismael**

Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7,  
Aparelhos eletrônicos, Antiquário

Praça Cavalinho Branco – 410 – Águas de Lindoia – SP  
Telefone: (19) 3824-1507      WhatsApp: (19) 99343-9180